

PSI



O SEGUNDO NASCIMENTO DE JOÃO

Uma greve no HC de Ribeirão Preto (SP) mudou a maneira do atendente de nutrição João Guilherme ver o mundo: “A luta dá outra visão para as pessoas”

REVOGA JÁ!

A reforma trabalhista trouxe desemprego, trabalho precário, salários baixos, superexploração da mão de obra e perda de direitos. A revogação das leis que levaram a isso entra na agenda do debate eleitoral desse ano.

J | POD

O Informativo JUVENTUDE PODE é um boletim mensal do Comitê de Jovens da International dos Serviços Públicos - Brasil
Nº 02 - Janeiro de 2022

ENTREVISTA

A cientista política [Camila Rocha](#), que estuda a “nova direita” brasileira desde 2015, analisa o atual momento político e diz que é preciso praticar a escuta.

Foto: Renato Parada

ELZA PRESENTE: ANTES DE MORRER, CANTORA DEIXOU TRABALHOS PARA SEREM LANÇADOS EM 2022

nesta edição

3

PAPO RETO

4

LINHA DE FRENTE

João Guilherme de Paula, delegado sindical no HC de Ribeirão Preto, fala de sua trajetória

7

CONJUNTURA

A nova direita, a intolerância e os limites do pacto democrático. Entrevista com a cientista política Camila Rocha

10

PONTO DE VISTA

Juventude, Trabalho e Sonhos - artigo de Geici Maiara Brig

12

ART&CULTURA

As sete vidas de Elza Soares

SALVE!

Este é o segundo número do **Juventude Pode**, informativo mensal que será publicado até maio de 2022, como parte do projeto internacional FORSA/ISP.

Nosso objetivo é usar esse espaço para abordar questões de interesse da juventude brasileira, trazendo sempre temas da conjuntura e estimulando o debate numa perspectiva plural e diversificada.

Além das questões de relevância nacional, traremos dicas culturais, artigos e perfis de jovens trabalhadores e trabalhadoras, além de entrevistas com lideranças da juventude nos movimentos, nos parlamentos e demais arenas de disputa.

Com boa informação, esperamos municiar nossos leitores e nossas leitoras para as longas batalhas que teremos pela frente.



J **POD**

QUEM SOMOS

O **Juventude Pode** é uma publicação do Comitê de Jovens da ISP-Brasil, financiada pelo projeto FORSA.

Coordenação: Geici Brig e Sânia Barcelos

Reportagem, edição e diagramação: Guaxi Studios

Jornalista responsável: João Paulo Soares

PAPORRETO

AS ELEIÇÕES MARCADAS PARA OUTUBRO VÃO COLOCAR EM DEBATE OS TEMAS CENTRAIS PARA A VIDA DO POVO E DO PAÍS. SERÁ UM ANO DE MUITA LUTA, MAS TAMBÉM DE MUITO DIÁLOGO

O ano de 2022 promete muito debate, muita luta e muitas emoções. Desde o dia 1º de janeiro, o país entrou em contagem regressiva para o fim do desastre que tem sido ao atual governo.

Segundo as muitas pesquisas eleitorais divulgadas desde o ano passado, esse é o desejo da maioria do povo brasileiro. Bolsonaro ainda tem potencial para ir ao segundo turno, mas perde em todos os cenários hipotéticos possíveis.

Na outra ponta, o ex-presidente Lula lidera a preferência do eleitorado. De acordo com pesquisa Ipespe divulgada em 27 de janeiro, num cenário de segundo turno entre Lula e Bolsonaro, o petista teria 64% dos votos válidos.

Lula começou 2022 colocando na mesa um dos pontos centrais do debate eleitoral deste ano: a revogação, pelo próximo governo, da reforma trabalhista que arrochou salários, eliminou direitos históricos, precarizou as relações e instituiu a superexploração da mão de obra, sobretudo entre as pessoas mais jovens. Na sequência, Ciro Gomes, presidenciável do PDT, também se mostrou favorável à ideia.

Fruto direto do golpe de 16, o ataque a trabalhadores e trabalhadoras foi iniciada por Temer, com a alteração de 117 artigos da CLT, e aprofundado por Bolsonaro através medidas provisórias - sem falar do desmonte do Ministério do Trabalho e dos órgãos de fiscalização. A esse

conjunto de maldades tem se dado o nome de “reforma trabalhista”.

A necessidade urgente de revogar a reforma é tratada nesta edição do JPod em artigo de Geici Maiara Brig, diretora do Sintraseb - o sindicato dos servidores públicos municipais de Blumenau (SC) - e coordenadora do Comitê de Juventude da ISP-Brasil.

Foto: Roberto Parizotti



Também nessa edição, trazemos uma entrevista com a cientista política Camila Rocha, da USP. Estudiosa do fenômeno da “nova direita” no Brasil, Camila resalta a importância da escuta e do diálogo na disputa de narrativa e de projetos nacionais.

Diálogo também é a aposta do jovem trabalhador João Guilherme de Paula Martins, atendente de nutrição do HC de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Delegado de base do SindSaúde-SP, João começou a se envolver em política e atividades sindicais após participar de uma greve em 2016. De lá pra cá, não dispensa uma boa conversa no chão da fábrica.

“A luta dá outra visão para as pessoas, é como um estalo”, diz ele. “Mas sem informação a pessoa acaba fugindo, correndo para o outro lado. E nosso trabalho é trazer para o nosso lado”.

Boa leitura.

FORJADO NA LUTA

UMA GREVE POR MELHORES SALÁRIOS E MANUTENÇÃO DE DIREITOS FEZ O ATENDENTE DE NUTRIÇÃO JOÃO GUILHERME ABRIR OLHOS E DESCOBRIR SEU VERDADEIRO LADO NA HISTÓRIA

Foto: Paola Rocha

“Sem luta não se muda nada”, resume João Guilherme de Paula Martins, ao lembrar da primeira vez em que participou de uma greve, em 2016, no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. A paralisação durou 31 dias e foi um marco na vida de João: ela mudou sua maneira de ver o mundo.

Filho de uma técnica de enfermagem e de um bombeiro aposentado, João pega no batente desde os 13 anos. Foi ajudante de mecânico, operador de telemarketing, vendedor de carros... Em 2010, após passar num concurso, tornou-se atendente de nutrição no HC. Mas esse não era seu único trampo. Todos dias, depois de tirar o jaleco do hospital, João virava testador de aparelhos eletrônicos em uma loja do Carrefour na cidade.

Nessa batida, João chegou aos 28 sem nunca ter se envolvido em lutas sociais ou movimentos reivindicatórios.



Discutir política não era com ele. Corintiano e fã de Michael Jackson, aproveitava as poucas horas de folga para jogar bola com os amigos ou frequentar bares de rock. À noite, cansado do trabalho, ligava a TV e formava suas opiniões a partir do Jornal Nacional.

“Pra você ter uma ideia”, comenta, “eu era tão alienado que fui a favor do impeachment da Dilma”.

A virada

“Eu não sabia o que era pedalada, não sabia o que era nada e estava na massa de manobra, achando que estava tudo muito ruim, horrível, porque a gente sempre assistiu a Globo, e foi mais ou menos por isso. Aí, mudava de canal e era a mesma coisa, a mesma pauta, a mesma

tecla... e a gente sem saber o que acontecia com o funcionalismo, as questões todas...”.

O golpe contra a presidenta Dilma se consolidou, “com

LINHA DE FRENTE

Deus e pela família”, na sessão do Congresso Nacional de 17 de abril de 2016. Menos de dois meses depois, em junho, estouraria a greve no HC de Ribeirão.

A greve era por reajuste salarial e manutenção de direitos. As razões do movimento pareciam justas para João. E ele entendeu que chegara a hora de mudar de atitude.

“Eu já andava desanimado com as coisas que aconteciam no hospital. Aí veio a greve e decidi encarar”.

Foi um passo decisivo. Mas a prova de fogo surgiria três meses depois. Uma tentativa de retomada do movimento – por não cumprimento dos acordos firmados em junho – foi abortada por uma liminar contrária do STF. Com isso, os trabalhadores que aderiram à paralisação tiveram descontos na folha.

“Aí, pronto, o pessoal se voltou contra o sindicato”, comenta João. “Mas eu falei: ‘eu não, eu quero continuar participando’. E fui na direção oposta”.

Mundo novo

João se filiou ao SindSaúde-SP, regional de Ribeirão, e começou a atuar em alguns coletivos, participando de debates, buscando formação e informação. Foi como descobrir um mundo novo.

“Eu nunca tinha tido contato com esse mundo. Nem sindical, nem política. De repente, eu olhei e pensei: ‘gente, eu to do lado errado faz muito tempo!’. Vi que as pessoas que tiraram a Dilma não estavam a nosso favor. O que passavam para a gente [na TV] não era a realidade que a gente vivia no funcionalismo e no país – e que culminou nesse governo que a gente tem hoje”.

A virada despertou em João o desejo de multiplicar sua experiência, de fazer com que outras pessoas abrissem os olhos.

“Comecei a brigar bastante, a desmentir fake news, essas coisas. Tem muita gente que não aguenta mais [o atual estado de coisas]. Mas tem outros que continuam apoiando o governo. Pessoal não acredita na Covid até



hoje, mesmo entre pessoas que trabalham no hospital. É complicado”.

Outro “complicador” foi o fato de João ter entrado para o sindicalismo numa conjuntura muito adversa, já que um dos primeiros alvos do golpe de 16 foi justamente o movimento sindical.



Foto: SindSaúde

Mas as adversidades não o desanimaram. Pelo contrário: ele virou delegado sindical de base e passou a fazer a luta diária no “chão da fábrica”.

Fogo na alma

A base no HC não é pequena. São cerca de 5 mil trabalhadores. Entre as principais reivindicações estão: 30 horas semanais para todos (equipes médicas e administração); aumento real de salarial (o que não ocorre há mais de 15 anos); limite de plantões; e concursos e contratações.

“Há muito tempo precisa de mais gente aqui. E com a pandemia piorou, porque houve muitos pedidos de demissão e afastamentos”, relata.

A pandemia também prejudicou ação sindical mais direta, como reuniões e assembleias presenciais, mas não impediu João de fazer o trabalho cotidiano de convencimento junto ao pessoal da Nutrição e de setores próximos.

“Estamos conseguindo tocar o coração das pessoas”, garante. “Vejo que o pessoal tá meio cansado de tudo, esse limbo que a gente está vivendo. Tem um fogo queimando

na alma das pessoas, de querer mudar, voltar para um tempo em que elas conseguiam pelo menos viver. Essa centelha estava quase apagada, mas a gente está conseguindo reacender”.

Por outro lado, a militância fez João descobrir que enfrentar as forças que dominam a narrativa no Brasil não é tarefa simples. “Às vezes parece que damos murro em ponta de faca com coisas que a gente não consegue brigar de igual pra igual; redes sociais, por exemplo. A luta dá outra visão para as pessoas, é como um estalo. Mas sem informação a pessoa acaba fugindo, correndo para o outro lado. E nosso trabalho é trazer para o nosso lado”.

Perto de completar 34 anos, João mantém a esperança no país e no seu próprio futuro. Quer voltar a estudar e faz planos para sua vida pessoal, em parceria com a namorada Paola Rocha, técnica de enfermagem que conheceu no próprio HC.

“Temos que acreditar que podemos ser melhores do que somos. É isso que me motiva. Eu estava do outro lado e consegui mudar minha visão em favor daquilo que é realmente necessário para mim, para minha vida e das pessoas ao meu redor”.

CAMILA ROCHA, cientista política, USP

‘As pessoas querem ser ouvidas’

Foto: Renato Parada

PARA CIENTISTA POLÍTICA QUE ESTUDA A NOVA DIREITA BRASILEIRA, É PRECISO CONFRONTAR IDEIAS DIFERENTES COM ESCUTA E DIÁLOGO

O Brasil vive uma época de crescente intolerância política - à direita e à esquerda - e as alianças que o ex-presidente Luiz Inácio Lula Silva vem buscando no campo conservador podem ser entendidas com uma tentativa de “pacificação social”, de “reconstrução do país”, caso ele vença as eleições presidenciais deste ano.

A avaliação é da cientista política Camila Rocha, da USP, autora da premiada tese de doutorado “Menos Marx, Mais Mises”. O título faz referência a um dos bordões do que ela chama de “nova direita” no Brasil, campo que reúne de estudantes a militares, passando por empresários, políticos tradicionais, setores da classe média e grupos religiosos.

Um dos pilares desse campo heterogêneo, estudado por Camila desde 2015, é a defesa radical da lógica de mercado e a predominância do indivíduo sobre o coletivo, ideias presentes na obra do economista austríaco Ludwig Von Mises.

Nesta entrevista ao **JPod**, Camila expõe os motivos que levaram muitos jovens a aderir a este movimento



ultraliberal que ajudou a eleger Jair Bolsonaro em 2018 - embora a nova direita e o bolsonarismo, como ela esclarece, sejam fenômenos diferentes.

Para traçar um perfil da nova direita, a cientista política fez entrevistas aprofundadas com lideranças e militantes entre 2015 e 2018. Ela defende que é preciso ouvir o que essas pessoas têm a dizer, entender como o fenômeno ocorre e fazer o debate de ideias.

“Existe um clima de intolerância muito grande, e as pessoas têm muita dificuldade de escutar. Esse processo de escuta é o primeiro

passo”, afirma.

Leia abaixo a íntegra da entrevista:

JPod: Você associa o crescimento da nova direita no Brasil ao contexto de ruptura do pacto democrático de 88, entre outros fatores. Como estamos falando para um público jovem, que talvez não tenha a compreensão do significado disso, gostaria que você começasse explicando o que foi esse pacto e quando ele começou a ser rompido.

Camila Rocha: O que a gente chama de pacto democrático de 1988 ocorreu em meio ao processo constituinte entre 87 e 88, do qual saiu uma nova Constituição para o país, com o acréscimo de um modo de governar específico, que é o presidencialismo de coalizão. A junção dessas duas coisas - a Constituição de 88, que tem um substrato progressista, e essa forma de governar - for-

mou o que a gente chama de pacto democrático de 88, que, num certo sentido, dá os limites do que seria possível fazer ou não na política e também no debate público.

Os movimentos que o ex-presidente Lula tem feito em direção a alianças com a centro-direita pode ser entendido com uma tentativa de reconstruir o pacto democrático? A essa altura dos acontecimentos, é possível reconstruí-lo?

Na verdade esse pacto ainda não foi rompido. As alianças que o Lula tem procurado com a centro-direita têm fins eleitorais, mas também, vamos dizer, entre aspas, de pacificação social, acenando com uma possibilidade de reconstrução do país a médio e longo prazo, pensando numa possível vitória do Lula nas eleições desse ano.

Você tem afirmado que a eventual permanência de Bolsonaro no poder pode ser fatal para a nova direita. Por quê?

O que eu chamo de 'nova direita' é diferente do fenô-

meno do bolsonarismo, inclusive porque é muito anterior. A nova direita começa na metade dos anos 2000 - em 2005, 2006 - e o bolsonarismo só começa entre 2014 e 2015. São fenômenos diferentes.

Eu acredito que a permanência do Bolsonaro é fatal para a nova direita porque o bolsonarismo é um fenômeno que impede qualquer nível mínimo de discordância e de pluralidade entre os diferentes grupos; funciona a partir de um discurso único e é um fenômeno altamente autoritário. Por isso considero fatal para essa nova direita, que é formada por vários grupos diferentes.

Existe a percepção - entre analistas políticos - de que a candidatura do ex-juiz Sérgio Moro divide o campo bolsonarista. Você concorda com essa análise? Na ausência ou descarte de Bolsonaro, Moro tem potencial para galvanizar o apoio da nova direita?

Com certeza a candidatura do Sérgio Moro acaba, entre aspas, roubando os votos de pessoas que potencialmen-



Foto: Redes sociais

O avanço de pautas progressistas fez as pessoas se posicionarem

te poderiam votar no Bolsonaro. Agora, o ponto é se o Moro de fato vai sair candidato a presidente, porque o que tem se dito é que, na verdade, no último minuto ele vai querer mesmo é sair candidato a senador, como outros personagens que foram ou ainda são ligados ao governo Bolsonaro, como o Ricardo Salles (ex-ministro do Meio Ambiente), procurando já uma espécie de asilo político, projetando a potencial vitória do Lula nas eleições desse ano.

Um eventual terceiro mandato do ex-presidente Lula, caso ele vença a próxima eleição, terá pela frente a oposição de uma extrema-direita numerosa e organizada, incluindo grupos militares e paramilitares - coisa que não havia em seus dois primeiros governos. Como você enxerga esse cenário?

Acho que depende muito de como essa vitória ocorrer, se ela ocorrer. Uma coisa é o Lula ganhar no primeiro turno. Outra coisa é ganhar no segundo. Aí depende de como vai ser esse segundo turno, se vai ser tumultuado, que tipo de tumulto vai ter, se vão acontecer ataques ou não, que tipo de campanha o Bolsonaro vai fazer; enfim, depende de vários fatores. É muito difícil dizer agora.

Nos primórdios dessa nova direita, quem olhava de fora tinha a impressão de ser tratar de algo um tanto anacrônico e envelhecido, inclusive em relação à idade das pessoas. Nos últimos anos, porém, eles têm demonstrado grande capacidade de atrair parte da juventude para suas ideias e fileiras. Como se explica esse fenômeno e o que fazer para se contrapor a ele?

Na verdade, essa nova direita sempre teve muitas pessoas bem jovens. Inclusive é bom dizer que a nova direita no Brasil, assim como nos Estados Unidos, se organizou também, em boa medida, a partir de redes sociais. Havia muitas pessoas que eram estudantes universitários, por exemplo, que compunham essa nova direita, como tem até hoje, com grupos de estudo, com pessoas que fazem chapas para disputar centros acadê-

micos, diretórios... isso existiu desde o começo. Eles têm um poder muito importante para pessoas jovens porque eles estão nas redes sociais faz muito tempo, em blogs, fóruns alternativos.

O que explica esse fenômeno? Tem duas coisas aí: primeiro, o PT ficou muito tempo no poder, então, em certo sentido, a alternativa 'antissistema' acabava sendo muito mais palatável para algumas pessoas à direita, nesse posicionamento mais conservador, pensando numa liberdade de mercado mais radical; e outra coisa também que explica é que, entre 2011 e 2014, a gente vivenciou no Brasil um avanço de pautas progressistas, tanto do ponto de vista institucional como do debate público, muito intenso e muito rápido, com aprovação de várias políticas importantes, não só no Legislativo, mas também no STF, além do debate sobre várias questões - racial, de gênero, da transsexualidade. Isso começou a ficar muito mais presente na esfera pública brasileira e várias pessoas acabaram tomando contato com esse debate e foram se posicionando.

Outra coisa também foi o aumento expressivo de protestos contra o governo, à esquerda e à direita, que ocorreram principalmente nesse período. É só lembrar, por exemplo, não só os protestos contra a corrupção, em 2011 e 2012, mas depois o junho de 2013, que fez com que muitas pessoas jovens despertassem para a política e também fossem se posicionando.

O que você faz para se contrapor? As pessoas querem ser ouvidas e levadas a sério. O que acaba acontecendo é que, muitas vezes, em vez de ouvir o que alguém tem a dizer, em vez de levar a sério o que a pessoa questiona, as pessoas simplesmente dispensam ideias diferentes com xingamentos [do tipo]: 'ah, então fulano é fascista, fulano é racista, é supremacista' e tal. Eu to falando da esquerda, mas acontece também, claro, na direita.

Então, existe um clima de intolerância muito grande, e as pessoas têm muita dificuldade de escutar. Esse processo de escuta é o primeiro passo. Inclusive porque tem muita gente que nem acha que é de direita, mas quando essa pessoa não encontra espaço para falar e ser ouvida, ela acaba muitas vezes [pensando]: 'bom, então esse pessoal aí é autoritário mesmo e é melhor eu conversar com quem parece que está mais próximo de mim'.

JUVENTUDE, TRABALHO E SONHOS

REVOGAÇÃO DA REFORMA TRABALHISTA
É FUNDAMENTAL PARA QUE AS NOVAS
GERAÇÕES VOLTEM A TER ESPERANÇA



GEICI MAIARA BRIG

Sou adulto, e agora?

Quem nunca ficou projetando como seria ser adulto e poder fazer tudo aquilo que queria? Quem nunca né! Mas quando se refere a mercado de trabalho, os “millennials” e a geração Z estão cada vez mais colocados em relações precarizadas. O que deveria ser moderno e desenvolvido, está trazendo precarização e exploração da força de trabalho de quem está há pouco tempo no mercado ou ingressando agora. Dá até para pensar que estamos no século 19 quando falamos de relações de trabalho.

O avanço da digitalização e a mudança nas relações de trabalho são um fato que não podemos negar.

Cada vez mais essas relações são mediadas por tecnolo-

gia. Os postos de trabalhos que conhecíamos estão sendo modificados. Se pensarmos pelo lado teórico, também conhecido como romântico, essa mudança traz a ideia de uma flexibilização, autonomia, gerenciamento do seu tempo e o famoso “seja seu patrão”.



Parece algo encantador. Mas quando nosso olhar se volta para a realidade, nos vemos colocados em relações precárias, sem segurança ou proteção.

A ideia de mudar as regras trabalhistas foram avançando com ascensão de políticas neoliberais em todo mundo.

No Brasil não foi diferente. Em 2017, o então desgoverno Michel Temer encaminhou ao congresso uma reforma trabalhista nefasta e maldosa, modelo esse copiado (obviamente, porque nem para fazer uma reforma esse senhor tinha capacidade) da Espanha.

A partir dessa reforma, muitos de nós sofreremos diretamente essa precarização. Remuneração menor, sem direitos coletivos, sem proteção.

Vale considerar que o desmonte faz parte de uma sucessão de propostas que tem como objetivo único colocar o lucro acima da vida.

Esse tipo de visão fragilizou tanto o mercado de trabalho que a Espanha, aquela mesma que serviu de exemplo para reforma trabalhista no Brasil, começou a fazer o caminho de volta, revogando vários pontos da reforma e devolvendo direitos aos trabalhadores.

Com a nova legislação, o governo espanhol espera coibir, por exemplo, os abusos das contratações temporárias, o que dará mais proteção ao trabalhador e segurança à economia daquele país.

A reviravolta na Espanha provocou reflexos imediatos no Brasil, onde o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva já anunciou que fará o mesmo caso vença as eleições de outubro.



Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

Seja qual for o próximo presidente, lutaremos para que isso de fato ocorra, já que no Brasil dos dias atuais, com as políticas e as leis atuais, as novas gerações estão proibidas de sonhar com o futuro.

Além da precariedade atingir principalmente as pessoas mais jovens, o desemprego também é maior nessa faixa – chegando a 46% entre os que têm de 14 a 17 anos; e a 31% entre 18 a 24 anos. Como construir um futuro digno sem oportunidades de trabalho?

A maior parte da população mundial é de trabalhado-

res; e a menor, algo em torno de 1%, é que usufrui das riquezas produzidas por essa mão de obra.

É urgente e necessário que tenhamos mudanças no mundo do trabalho, na sociedade e na forma com que nos relacionamos com o mundo.

A luta por um mundo justo, igualitário, é tarefa de todos nós.

Geici Maiara Brig, 28 anos, é diretora do Sintraseb, Sindicato Único dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal de Blumenau (SC)

Já Faz Tempo que Escolhi

A luz que me abriu os olhos para a dor dos deserdados e os feridos de injustiça, não me permite fechá-los nunca mais, enquanto viva. Mesmo que de asco ou fadiga me disponha a não ver mais, ainda que o medo costure os meus olhos, já não posso deixar de ver: a verdade me tocou, com sua lâmina de amor, o centro do ser. Não se trata de escolher entre cegueira e traição. Mas entre ver e fazer de conta que nada vi ou dizer da dor que vejo para ajudá-la a ter fim, já faz tempo que escolhi.

Thiago de Mello
1926-2022